



VIRGINIA ELISABETH FERRARESE
FRANCO PINTO (*)

**COMPLEMENTO
OU ADJUNTO
DE LUGAR ?**

ABSTRACT - The notion of place in the Portuguese Language - Would it be Complement or Adjunct?

This work tries to analyse the notion of place considering the syntactic and semantic aspect in the Portuguese Language based on Charles J. Fillmore's "Case Grammar".

This work also shows that the notion of place is always expressed as a complement as well as an adjunct of verbs and nouns, through the following cases: - Locative, Source (of a place), Goal (to a place) and Itinerative, i.e. through syntactic relations in the deep structure of the Language.

RESUMO -

Este trabalho procura fazer um enfoque - sintático - semântico da expressão da noção de lugar na língua portuguesa, com base na "Gramática do Caso", de Charles J. Fillmore.

Nele se demonstra que a noção de lugar se expressa como complemento e como adjunto de verbos e nomes, através dos casos: Locativo, Origem (de um lugar). Direção (para um lugar) e Itinerativo, isto é, através das relações sintáticas, na estrutura profunda da língua.

* Licenciada em Letras Neolatinas, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. Mestre em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Titular de Linguística, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

Nos estudos feitos sobre a língua portuguesa, nem sempre há descrições amplas das possibilidades de ocorrência de certas noções. Carece desta descrição, por exemplo, a noção de lugar, cujas possibilidades de manifestação merecem ser descritas, levando-se em conta os aspectos sintático e semântico.

Um dos fatos a ser observado na tentativa de descrever sintática e semanticamente a noção de lugar e sistematizar as suas manifestações, é a expressão desta noção por meio de complementos ou adjuntos.

Para verificar se a noção de lugar se expressa por meio de complementos, isto é, de elementos exigidos pelo verbo, ou de adjuntos, isto é, de elementos opcionais é interessante pensar na subcategorização dos verbos e fazer um estudo da transitividade.

1. A NOÇÃO DE TRANSITIVIDADE

As gramáticas da língua portuguesa anteriores ao estabelecimento da Nomenclatura Gramatical Brasileira, seguindo o modelo das gramáticas latinas, chamavam de transitivos os verbos que recebiam complemento sem preposição, o objeto direto. Os verbos que exigiam como complemento os sintagmas preposicionais chamados objetos indiretos, complementos circunstanciais e outros, eram chamados de verbos relativos. Com referência aos elementos que acrescentavam às sentenças circunstâncias de lugar, tempo, modo, etc., diversas gramáticas distinguem os complementos circunstanciais (elementos obrigatórios na sentença) e os adjuntos adverbiais (elementos opcionais na sentença).

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, tentando unificar e simplificar a nomenclatura gramatical, numa atitude essencialmente prática, passou a chamar de transitivos todos os verbos que exigem complementos, dando o nome de transitivos diretos aos que exigem objeto direto e de transitivos indiretos aos que exigem objeto indireto.

Por outro lado, eliminou a denominação complemento circunstancial, passando a falar só de adjuntos adverbiais, e a considerar intransitivos os verbos que não exigem objeto direto ou indireto e podem estar acompanhados ou não de adjuntos adverbiais. Considerou, portanto, como intransitivos verbos que não são intransitivos.

Exs.: João está na escola.

João vai à escola.

Certos sintagmas que exprimem lugar são complementos e não adjuntos; são exigidos pelo verbo que, deste modo, não é verbo intransitivo, mas transitivo.

Alguns gramáticos, como Evanildo Bechara e Adriano da Gama Kury, já chamaram atenção para este fato.

Bechara propõe a distinção entre advérbios que funcionam como complementos (elementos essenciais à sentença) e advérbios que funcionam como adjuntos (elementos acidentais na sentença), e sugere que se acrescente à classe dos verbos transitivos a dos "transitivos adverbiados", que pedem como complemento uma expressão adverbial:

Irei à cidade ou Voltei do trabalho(1)

Adriano da Gama Kury é de opinião que, se definirmos verbo transitivo como todo aquele que é incompleto em seu sentido e precisa de complemento, temos diante de nós uma perspec

tiva muito mais ampla: serão transitivos não só os verbos que pedem objetos, mas outros como pertencer, ir a (2).

A nosso ver, trata-se de um deslize da Nomenclatura Gramatical Brasileira a generalização através da qual se juntam os antigos complementos circunstanciais e os adjuntos adverbiais sob um único rótulo, o de adjunto adverbial. Percebe-se, por exemplo, que há complementos de lugar e adjuntos adverbiais de lugar. Em sentenças como

(a) João está na sala.

(b) João fez o trabalho na sala.

está claro que o sintagma na sala (que expressa a noção de lugar) é um elemento necessário em (a) e um elemento acessório em (b), pois em (a) não pode ser retirado sob pena de prejudicar a compreensão da sentença, uma vez que é exigido pelo verbo.

A noção de transitividade não nos parece, também, assim tão simples como a encara a Nomenclatura Gramatical Brasileira.

Várias gramáticas anteriores e posteriores à unificação da Nomenclatura Gramatical' falam de verbos que ora se apresentam como transitivos, ora como intransitivos.

Um verbo como escrever, por exemplo, poderia ser considerado como transitivo na sentença:

(a) João escreve uma carta.

ou como intransitivo na sentença:

(b) João escreve muito.

Na verdade, porém, o verbo escrever exige sempre um objeto direto, que na sentença (b) está subentendido. Trata-se, portanto, de um verbo só transitivo.

Com tantos pontos a esclarecer, parece-nos importante fazer um estudo do problema através de uma teoria lingüística da atualidade.

Pela teoria da escola gerativo-transformativa, por exemplo, que postula a existência, no componente sintático, de uma estrutura profunda, de transformações e de uma estrutura superficial, poderíamos dizer que um verbo como escrever seria sempre transitivo na estrutura profunda, mas poderia superficializar-se com o complemento subentendido, por uma transformação de apagamento. O estudo da transitividade apenas do ponto de vista da estrutura superficial, como é feito pelas gramáticas do português, não nos conduza uma visão clara do problema. Não podemos perder de vista, ainda, que certos itens lexicais (verbos ou nomes) exigem complementos, que podem vir subentendidos ou não na sentença.

A teoria da escola gerativo-transformativa nos fornece subsídios para um exame mais preciso da transitividade e da manifestação de certas noções, como a de lugar, que podem ser complemento ou adjunto de verbos. Entre as abordagens dos autores transformacionistas, parece-nos mais interessante a de Charles Fillmore que, além de oferecer elementos para a subcategorização dos verbos, já fala da noção de lugar como complemento do verbo ou elemento opcional nas regras de base (estrutura profunda).

2. A NOÇÃO DE LUGAR EXPRESSA ATRAVÉS DOS CASOS

Em sua obra Em Favor do Caso, de 1968 (3), considerando a estrutura profunda como interpretação semântica, Fillmore estabelece como centro da sentença o verbo. Desaparece então

a estrutura da sentença em SN SV, na base, o que há é a relação do verbo com os sintagmas nominais da sentença.

A estas relações o autor dá o nome de casos. Propõe um sistema universal de casos de estrutura profunda e de natureza sintática.

As várias combinações de casos vão definir os tipos de sentenças (que têm validade universal) e a classificação dos verbos em cada língua. Estas relações casuais não correspondem sempre às relações entre sujeito e verbo, verbo e objetos, verbos e adjuntos estabelecidas pela gramática tradicional, pois estes são fatos de superfície.

A estrutura básica da sentença é expressa pela fórmula:

$$S \rightarrow M P$$

O constituinte modalidade (M) inclui negação, tempo, modo, aspecto. O constituinte proposição (P), que inclui o conjunto de relações entre os verbos e sintagmas nominais ou sentenças encaixadas, expande-se em um verbo e uma ou mais categorias de caso.

$$P \rightarrow V \quad C_1 \dots C_n$$

Assim, uma sentença como

O lenhador cortou a árvore com o machado.
possui a seguinte estrutura básica:

$$P \rightarrow V \quad O \quad I \quad A,$$

o verbo é acompanhado de um Objetivo, de um Instrumental e de um Agentivo.

Há casos exigidos pelo verbo e casos opcionais.

Os verbos são subcategorizados de acordo com os casos que exigem ou aceitam. Assim, o verbo cortar seria subcategorizado da seguinte

te maneira:

V → O (I) (A) ,

pois podemos dizer:

- a) O machado cortou a árvore.
- b) O lenhador cortou a árvore.
- c) O lenhador cortou a árvore com o machado.

Os casos podem superficializar-se como sujeitos, objetos diretos, indiretos, etc. Nas sentenças (b) e (c), o Agentivo é superficializado como sujeito. Na sentença (a), na falta do Agentivo, o Instrumental é superficializado como sujeito. Um caso exigido por um verbo pode sofrer transformação de apagamento na superfície.

Os casos estabelecidos por Fillmore, em obra posterior, de 1971 (4), são os que mais se prestam ao estudo da noção de lugar.

São eles:

- Agentivo (A), do instigador da ação, que é um ser animado, mas pode ser uma instituição humana;
- Experienciador (E), aparece com os verbos que indicam acontecimento psicológico ou estado mental;
- Objeto (O), das coisas afetadas pela ação ou estado expressos pelo verbo;
- Instrumental (I), do objeto inanimado instigador da ação;
- Origem (Or), indica a procedência;
- Direção (Dr)
- Locativo (L), corresponde à localização ou orientação espacial do estado ou ação expressos pelo verbo;
- Tempo (T).

Admite-se, ainda, Origem de um determinado

lugar ou tempo e Direção para um determinado lugar ou tempo.

A estes casos Fillmore acrescenta depois o Itinerativo (It), que ocorre sempre com verbos de movimento; ex: Ele correu da estação ao correio, ao longo do canal.

Com base no que foi exposto, podemos considerar que a noção de lugar se manifesta, na estrutura profunda, como complemento ou adjunto dos verbos, através dos casos:

1) Locativo

Exs: João está na sala de aula. (complemento)

João fez o trabalho na sala de aula.
(adjunto)

2) Origem de um lugar

Ex.: O menino saiu de casa. (complemento)

3) Direção para um lugar

Exs.: José entrou na sala. (complemento)

O vento tombou as árvores em determinada direção. (adjunto)

4) Itinerativo

Ex: Passamos pelo parque. (complemento)

O menino caminhava ao longo do muro.
(adjunto).

Há verbos, como ir, vir, trazer, que exigem os dois complementos: Origem de um lugar e Direção para um lugar, embora frequentemente um deles apareça subentendido.

Ex: Maria veio de casa para a escola.

Na estrutura superficial a sentença pode ter um dos complementos subentendido:

Maria veio de casa

Maria veio para a escola.

A noção de lugar pode expressar-se, tam-

bém, através dos mesmos casos, como complemento ou adjunto de nomes substantivos ou adjetivos. Vem corroborar a nossa opinião o fato de Fillmore, (5) afirmar que o núcleo da proposição é constituído por um verbo, um adjetivo, ou um nome, e que uma ou várias entidades podem estar ligadas a esse núcleo na estrutura profunda.

Vejam os alguns exemplos:

1) Locativo:

A estada na cidade foi agradável.
(complemento)

Conhecemos a Universidade de São Paulo.
(adjunto)

2) Origem de um lugar:

Procuramos a saída da cidade. (complemento)

Ele é originário de Minas. (complemento)

O embaixador da França nos visitou.
(adjunto)

3) Direção para um lugar:

A entrada na cidade foi triunfal.
(complemento)

A flecha estava voltada para a direita. (complemento)

4) Itinerativo:

Observamos a passagem do desfile pela avenida. (complemento)

O caminho ao longo do rio era lindo.
(adjunto).

É possível encontrar a noção de lugar ainda em construções sintáticas que não visam especificamente a essa noção e constituem casos como o Objetivo (Escolhemos o local da festa), ou, nas sentenças com verbo ser, a um caso que Fillmore chama de Essivo (6) (O Rio de Janeiro é lindo) e a outro que, com base no trabalho realizado por Madre Olívia (7),

julgamos interessante chamar de Caracterizador. (Paris é uma cidade).

Às vezes, nomes de lugares, constituindo metonímias, são usados para designar povos, nações, governos e se apresentam no caso Agente; tal fato é comum na linguagem jornalística.

Exs: Polônia elege dissidentes.

Washington não influenciou na decisão do diplomata.

A noção de lugar manifesta-se, portanto, como complemento ou adjunto de verbos ou nomes na estrutura profunda. Pode, contudo, superficializar-se das mais diversas maneiras, pode até estar subentendida na estrutura superficial. Se as nossas gramáticas dessem mais atenção ao significado e se preocupassem com a estrutura profunda, muita coisa se tornaria mais clara.

É claro que nos restringimos, neste trabalho, ao exame de apenas algumas maneiras de expressão da noção de lugar, trata-se de um ponto de partida para uma pesquisa bastante ampla.

NOTAS

- 1) Bechara, Evanildo, Moderna Gramática da Língua Portuguesa, Ed. Nacional, São Paulo, 1963, pp. 261 a 263.
- 2) Kury, Adriano da Gama, Lições de Análise Sintática, Lira - Livros Irradiantes, 6a. ed., São Paulo, 1972, p. 26
- 3) Fillmore, Charles J., "Em Favor do Caso" (1968) in Lobato, Lúcia Maria Pinheiro (ed.), A Semântica na Linguística Moderna - O Léxico, Livraria Francisco Alves Rio de Janeiro, 1977, pp. 275 a 365.

- 4) Fillmore, Charles J., "Quelques Problèmes Posés à la Grammaire Casuelle" - (1971) in La Grammaire de Cas, Langages, nº 38, Didier - Larousse, Paris, junho de 1975, pp. 70 a 77.
- 5) Idem, ibidem, p. 66.
- 6) Fillmore, Charles J., "Em Favor do Caso", op. cit. p. 354.
- 7) Leite, C.C.P. (Madre Olívia), Nova Análise Semântica, J. Ozon Editor, Sao Paulo, 1970, p. 83.

BIBLIOGRAFIA

- Bechara, E., Moderna Gramática Portuguesa, - Ed. Nacional, 7a. ed., São Paulo, 1963.
- Besselaar, J.V.D. Propylaeum Latinum, Vol. - I, Ed. Herder, São Paulo, 1960.
- Bueno, F.S., Gramática Normativa da Língua Portuguesa, Ed. Saraiva, 4a. ed., Sao Paulo, 1956.
- Cegalla, D. P., Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, Ed. Nacional, 9a. ed., - São Paulo, 1968.
- Chomsky, N., Aspectos da Teoria da Sintaxe - (1965), trad. de Meireles, J. A. e Raposo, E. P., Armênio Amado - Editor, Coimbra, 1975.
- Cruz, J. M., Português Prático, Ed. Melhoramentos, 11a. ed., Sao Paulo, 1941.
- Cunha, C., Gramática do Português Contemporâneo, ed. Bernardo Álvares, Belo Horizonte, 1970.
- Fillmore, C. J., "Toward a Modern Theory of Case" (1966), in La Grammaire des Cas, - Langages, nº 38, Didier - Larousse, Paris, junho de 1975, 3-9.

- Fillmore, C. J., "Em Favor do Caso" (1968) in Lobato, L.M.P. (ed.), A Semântica na Lingüística Moderna, O Léxico, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1977, 273-359.
- "Types of Lexical Informations" (1971a), in Kiefer, F., Studies in Syntax and Semantics, D. Reidel, Dordrecht, Holland, 1971, 110-131.
- "Quelques Problèmes Posés à la Grammaire Casuelle" (1971) In La Grammaire des Cas, Langages, nº 38, Didier - Larousse, Paris, junho de 1975, 65-80.
- Goes, C., Método de Análise Sintática ou Sintaxe das Relações, Livraria Francisco Alves, 21a. ed., Rio de Janeiro, 1956.
- Kury, A. da G., Lições de Análise Sintática Lira - Livros Irradiantes, Sao Paulo, 1972.
- Leite, C. C. P., Nova Análise Semântica, J. Ozen Editor, São Paulo, 1970.
- Lima, C. H. R., Gramática Normativa da Língua Portuguesa, F. Briguiet Editores, 10a. ed., Rio de Janeiro, 1964.
- Lima, M. P. S., Gramática Expositiva da Língua Portuguesa, Ed. Nacional 1a. ed., São Paulo, 1937.
- Melo, G. C., Novo Manual de Análise Sintática, Livraria Acadêmica, 2a. ed., Rio de Janeiro, 1959.
- Oliveira, C., Revisão Gramatical, Ed. Gráfica Biblos, Sao Paulo, 1966.
- Pereira, E. C., Gramática Expositiva - Curso Superior, Ed. Nacional, 110a. ed. São Paulo, 1968.
- Ravizza, J., Gramática Latina, Escola Industrial B. Bosco, 14a. ed., Niterói, 1958.

Said Ali, M., Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa, Ed. Universitária de Brasília, 2a. ed., Brasília, 1964.

Toires, C. A., Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa, ed. Fundo de Cultura, S.A., 6a. ed., Rio de Janeiro, 1959.

RELAÇÃO DE ABREVIACÕES E SÍMBOLOS

A	-	Agentivo
C	-	Caso
Cl...Cn		Estrutura casual que exige uma série de casos entre Cl e Cn
Dr	-	Direção
E	-	Experienciador
I	-	Instrumental
It	-	Itinerativo
L	-	Locativo
M	-	Modalidade
O	-	Objetivo
Or	-	Origem
P	-	Proposição
S	-	Sentença
SN	-	Sintagma Nominal
SV	-	Sintagma Verbal
T	-	Tempo
V	-	Verbo
A → B		A se reescreve como B